

CONJUGALIDADE(S) CONTEMPORÂNEA(S): PERMANÊNCIAS, DESCONSTRUÇÕES E REINVENÇÕES

Fernanda RIBEIRO PALERMO¹

A reflexão crítica proposta neste dossiê tem como objeto as diversas formas de afeto e de vinculação amorosa, presentes historicamente desde os povos originários, em que se destacam a multiplicidade de uniões, a poligamia e o relevante papel do feminino (Moreira, 2018)ⁱ, atravessando a Idade média e sua dimensão religiosa, de parentesco e patrimonial (Ariès, 1964ⁱⁱ), passando pelo amor romântico (Giddens, 2003)ⁱⁱⁱ e pela noção de afetividade e de intimidade da Modernidade (Shorter, 1975)^{iv}, até os dias de hoje marcados pela comunicação digital e por uma nova ordem subjetiva neoliberal (Dardot; Laval, 2020)^v.

Interessa-nos articular saberes das Ciências Humanas, do Direito e da Psicanálise e oferecer um olhar para a pluralidade de afetos implicados nos laços afetivos da atualidade. A história do casal no Ocidente é marcada por pactuações, alianças, heranças e transmissões, tanto de bens materiais quanto de conteúdos psíquicos e simbólicos, tendo como base uma performance social e subjetiva patriarcal e heteronormativa. Todavia, questões socioeconômicas, culturais e políticas repercutem na produção das subjetividades e nas formas de experienciar afetos, o que restringe e, ao mesmo tempo, amplia práticas e desejos.

Propomos, assim, uma discussão crítica do que nomeamos “conjugalidades contemporâneas”, com abrangência nas formas de vinculação das mais convencionais àquelas com maior ênfase na mutualidade e na equidade: determinismo biológico superado por novas práticas reprodutivas, casais sem filhos, casamentos homoafetivos; monogamia cedendo a formas não-monogâmicas consensuais; coabitação atravessada por relações à distância e/ou multiculturais, entre outros.

A partir deste entendimento de base, o dossiê “**Conjugalidade(s) contemporânea(s): permanências, desconstruções e reinvenções**” reúne artigos originais de autores que se dedicam às questões da contemporaneidade e que tecem diálogos entre várias áreas do saber.

Ao apresentar a construção histórica do casal e da família ocidental, Nataly Netchaeva Mariz propõe em seu artigo uma consistente discussão sobre os múltiplos arranjos afetivos da atualidade, dos mais tradicionais e monogâmicos aos mais flexíveis. A partir de uma visão psicanalítica, a autora propõe uma escuta analítica não normativa para os

¹ Psicanalista e Psicóloga Clínica. Especialista em Psicoterapia de Casal e Família pela PUC-Rio. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Pós doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP). Membro efetivo da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família (ABPCF). Membro efetivo da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família (AIPCF). Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ).

afetos, bem como para as fantasias inconscientes que são mobilizadas na formação e manutenção do relacionamento amoroso.

Na sequência, no artigo que traz em seu título a interrogação sobre monogamia terminável ou interminável, Patrícia Mafra de Amorim e Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira se valem das teorizações de Karen Horney e Heinz Lichtenstein para proporem uma discussão acerca da dissolução do padrão hegemônico de monogamia compulsória sob o viés psicanalítico. Para tanto, destacam o lugar e a escuta do analista, sua formação e inserção histórica, diante das escolhas de arranjos amorosos contemporâneos.

Débora da Silva Sampaio e Vandia Cristina Rodrigues Leal apresentam uma discussão esclarecedora sobre elementos de grande atualidade sobre a homoparentalidade adotiva e a construção do vínculo parento-filial. A apresentação da matriz bioparental, da política e de posturas reacionárias, e do perfil de adoção, nomeado como os inadotáveis pelas autoras, encontra materialidade nos discursos coletados em entrevistas de casais homoparentais que compõem o artigo.

Ao abordar o tema do encarceramento feminino, Juliana Diniz Cerqueira e Fernanda Ribeiro Palermo constroem um diálogo entre os temas gênero, afeto e transgeracionalidade da violência. Para as autoras, as consequências do cárcere para as mulheres revelam a cruel desigualdade de gênero arraigada na lógica patriarcal, que acentua vulnerabilidades, desamparos e estigmas da violência extramuro já sofrida.

A crescente mobilidade humana, característica da sociedade global contemporânea, é um fenômeno que traz à luz a conjugalidade bicultural. Partindo desta premissa, Carla Martins Mendes e Fernanda Ribeiro Palermo ressaltam, em seu artigo, a especificidade cultural comum constituída pelos parceiros, material da transmissão da diversidade familiar e cultural ao longo das gerações.

Os casais e famílias migrantes também são temas do artigo de Lisette Weissmann. A autora apresenta um caso clínico, cuja questão é a língua escolhida para a comunicação do casal de nacionalidades distintas. Tendo como aporte a psicanálise vincular, o artigo se centra na discussão sobre o despontar de uma zona intermediária de tradução que comporia um “entre” a língua materna e a pluralidade de idiomas dos sujeitos.

Svetlana Hiers, ao abordar o trabalho de tele consulta com um casal, apresenta uma rica argumentação sobre o que nomeia de cenografia do encontro terapêutico, o que contempla a composição do novo grupo formado por terapeuta e casal que propicia uma ilusão compartilhada. A ênfase dada à vivência encontrar/criar, que viabiliza processos criativos, tem como pilar a transgressão da estrutura suscitada pela modalidade de atendimento à distância.

Sob o viés das alianças paradoxais que atravessam a conjugalidade, Márcia Maria dos Anjos Azevedo oferece uma sustentação teórica-clínica na qual a centralidade do sofrimento expresso no corte do corpo aduz à fragilidade do processo de subjetivação e ao modo de vinculação que despontará no casal. O artigo nos permite compreender o impacto das apresentações de sofrimento contemporâneo nos arranjos amorosos.

O último artigo do dossiê é assinado por Leticia Cortellazzi Garcia, e tem como objeto as relações familiares na perspectiva da madrasta. Propondo pensar o lugar da madrasta nas conjugalidades contemporâneas, a autora faz uso da literatura e do audiovisual para

analisar o “não lugar” simbólico dessa personagem familiar que foi tomando contornos diferentes ao longo do tempo.

Por fim, contamos com duas entrevistas que abrilhantam o dossiê. Na primeira entrevista, a desembargadora e escritora Andréa Pachá nos oferece um olhar preciso e potente sobre temáticas contemporâneas que tangem à família, construído ao longo de muitos anos como juíza de Família e Sucessões e como personalidade pública na luta antirracista e feminista. Na segunda entrevista, o psiquiatra e psicanalista Alberto Eigner, um dos pioneiros na clínica e na pesquisa da psicanálise com casais e família, nos transmite a riqueza de seu pensamento ao abordar questões contemporâneas atreladas às mudanças culturais que repercutem na prática como analistas.

ⁱ Moreira, V.M.L (2018) Casamentos indígenas, mistos e política na América portuguesa: amizade, negociação, capitulação e assimilação social. *Topoi* (Rio J) 19 (39)

ⁱⁱ Ariès, P. (1964). *A história social da criança e da família*. 2ª. Ed. São Paulo: LTC.

ⁱⁱⁱ Giddens, A (2003). *transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. Unesp.

^{iv} Shorter, E. (1975). *The Making of the Modern Family*. New York: Basic Books.

^v Dardot, P; Laval, C. (2016) *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.